

A produção científica em tempos de crise

DOI

<https://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.169214>

Laura Moutinho, Pedro de Niemeyer Cesarino e Sylvia Caiuby Novaes

ORCID

<https://orcid.org/0000-0001-6479-2711>

<https://orcid.org/0000-0002-4158-7712>

<https://orcid.org/0000-0002-7415-2010>

▲ *Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia | São Paulo, SP, Brasil*
✉ *lmoutinho@usp.br, pedrocesarino@gmail.com e scaiuby@usp.br*

Há pouco mais de dois anos a produção científica passou por um revés. Em realidade, este não foi um problema isolado. No momento em que fechamos esse editorial há retrocessos nos campos das políticas públicas e dos direitos humanos, em especial, no que concerne às questões de gênero, sexualidade, raça/racismo e meio ambiente. A precarização do trabalho tornou-se patente com a reforma trabalhista e o avanço das privatizações.

A Revista de Antropologia foi criada em 1953. Surgiu num momento em que vivíamos o regime democrático. Nesses 66 anos de existência, a Revista foi tanto uma testemunha da história quanto copartícipe da construção da ciência brasileira.

No percurso dessa experiência de mais de seis décadas, a Revista presenciou situações difíceis, como, por exemplo, os ataques aos cientistas e à ciência durante a ditadura militar instaurada em 1964. Não se imaginava que o espectro dessa era terrível voltasse a nos rondar. A Capes e o CNPq, as principais instituições de apoio à ciência no Brasil, vêm sofrendo uma reestruturação que afeta a produção de toda a ciência realizada em território nacional. As ciências humanas, porém, têm sido particularmente atingidas. Ildeu de Castro Moreira chamava atenção, ainda em 2018, para as consequências do contingenciamento de recursos para Ciência Tecnologia & Informação (CT&I) em 2017, que reduziu de modo dramático as verbas para esse campo.

Se, naquele momento, a ciência brasileira ocupava o 13º lugar na produção científica mundial, atualmente receia-se pela sobrevivência dessa produção. De fato, foram os investimentos do governo federal e das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa que viabilizaram esse crescimento. Mais uma vez nesse cenário vemos a contínua desqualificação e ataque às ciências humanas e aos cientistas sociais. A área de Antropologia, que trabalha de modo próximo com populações indígenas e faveladas e discute temas como meio ambiente, gênero, sexualidade, raça e violência, têm sofrido muitos revezes.

O número 62(2), apesar dessa situação, contribui para reflexões importantes tanto do ponto de vista teórico e metodológico, como também político. Os universos que tanto ameaçam certos setores da sociedade estão contemplados nas páginas que se seguem. Todos os artigos são frutos de pesquisas rigorosas.

A Revista de Antropologia abre o número atual com uma etnografia valiosa

sobre o universo da burocracia no nordeste argentino, intitulado “Tramas locales de relación y burocracias judiciales: análisis etnográfico de un juicio de lesa humanidad en una ciudad del nordeste argentino” de María José Sarabayrouse Oliveira (2019). Interessa, aqui, observar tanto como esse tipo de julgamento opera transformações no interior de burocracias jurídicas, quanto indagar sobre sua função reparadora para as vítimas e seus familiares. O momento é oportuno para se refletir sobre o terrorismo de Estado da época da ditadura militar bem como reconstruir os circuitos da repressão.

Em “Zona de tatuagem: um carimbo do estado no corpo do favelado”, Juliana Farias (2019) mobiliza o leitor para um universo estruturalmente similar ao de Oliveira: a violência de Estado e o aparelho judiciário. O foco recai não mais sobre vítimas da ditadura militar, mas sobre os pobres moradores de favelas assassinados no Rio de Janeiro. O descaso burocrático administrativo caminha em paralelo ao descaso com vidas e corpos. Importa observar a racionalidade do Estado na gestão de suas populações.

Em “Alternativas kaiowa e guarani para um impasse na reflexão de Egon Schaden”, Augusto Ventura dos Santos (2019) revisita de modo crítico a produção do fundador da Revista de Antropologia. O autor se atém à relação das populações guarani com o mundo não indígena e a ideia de aculturação, central na obra de Schaden.

Vicente Cretton Pereira (2019) discute no artigo “O lugar do tabaco: cachimbo e xamanismo mbya guarani”, o xamanismo entre os mbya. O cachimbo e o tabaco conformam um campo semântico que comunica a relação com divindades, mas não apenas.

Em “‘Jajeroky’. Corpo, dança e alteridade entre os Mbya Guarani”, Ana Lúcia Ferraz (2019) nos apresenta com uma análise sobre a produção de alteridade entre os Mbya Guarani através da dança e da experiência xamanística.

Índira Viana Caballero (2019) aborda a relação de dançarinos com seres não-humanos (Apu, pachamama, diabo, entre outros) e como se constrói um corpo completo no artigo “Dos pactos com o Diabo, a Sereia e os Apus sobre a participação de não-humanos na constituição do corpo dos danzantes de tijeras (Ayacucho, Peru).

A noção de pessoa e envelhecimento são discutidas de modo sensível por Fernanda dos Reis Rougemont (2019) no artigo “Medicina Anti-aging no Brasil: controvérsias e a noção de pessoa no processo de envelhecimento”. As compreensões divergentes sobre o envelhecimento dos que praticam a Medicina *Anti-aging* e dos representantes do Conselho Federal de Medicina (CFM) são palco para a reflexão que relaciona constituição moral da pessoa, modernidade e declínio físico.

No artigo escrito a seis mãos por Guilherme Passamani, Marcelo Roda e Tatiana Lopes (2019), intitulado “Prostituição masculina no Brasil: o panorama da produção teórica”, o campo da prostituição masculina é mapeado através de um recorte regional. O artigo traz um interessante balanço sobre o tema, no qual chama a atenção a centralidade do livro de Néstor Perlongher, “O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo”.

Silvana Nascimento (2019) faz uma corajosa análise no artigo “O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima”. Como “ser-que-escreve-no-mundo”, sua corporeidade é analisada à luz do aporte trazido por Gloria Anzaldúa e a ideia de consciência *mestiza*. Trata-se de um texto central para todos que se dedicam a fazer Antropologia.

A seção de “Críticas bibliográficas e resenhas” traz a cuidadosa resenha de Diego Madi Dias (201) sobre o livro de Luisa Elivira Belaunde, que aborda o controverso campo dos estudos acerca da sexualidade, gênero e “desejo” na Amazônia.

Aproveitem a leitura!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABALLERO, Indira Viana

2019 “Dos pactos com o Diabo, a Sereia e os Apus. Sobre a participação de não-humanos na constituição do corpo dos danzantes de tijeras (Ayacucho, Peru)”. *Revista de Antropologia*, v. 62, n.2, 382-402. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.139699>

DIAS, Diego Madi

2019 “Outros afetos, outros desejos: por uma antropologia das pulsões na Amazônia”. *Revista de Antropologia*, 62(2), 485-493. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161095>

FARIAS, Juliana

2019 “Zona de tatuagem. Um carimbo do estado no corpo do favelado”. *Revista de Antropologia*, 62(2), 275-297. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161091>

FERRAZ, Ana Lúcia

2019 “‘Jajeroky’. Corpo, dança e alteridade entre os Mbya Guarani”. *Revista de Antropologia*, 62(2), 350-381. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161094>

MOREIRA, Ildeu Castro

2018 “Um momento de crise e de desafios para a ciência brasileira” [online]. Disponível em <<http://portal.sbpnet.org.br/noticias/um-momento-de-crise-e-de-desafios-para-a-ciencia-brasileira/>>. Acesso em: 15/06/2019.

NASCIMENTO, Silvana de Souza

2019 “O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima”. *Revista de Antropologia*, 62(2), 459-484. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161080>

OLIVEIRA, Maria José Sarrabayrouse.

2019 “Tramas locales de relación y burocracias judiciales, Análisis etnográfico de un juicio de lesa humanidad en una ciudad del nordeste argentino”. *Revista de Antropologia*, 62(2), 252-274. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161088>

PEREIRA, Vicente Crettom.

2019 “O lugar do tabaco. Cachimbo e xamanismo mbya guarani”. *Revista de Antropologia*, 62(2), 323-349. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161082>

ROUGEMONT, Fernanda dos Reis

2019 “Medicina Anti-aging no Brasil. Controvérsias e a noção de pessoa no processo de envelhecimento”. *Revista de Antropologia*, 62(2), 403-431. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161077>

SANTOS, Augusto Ventura dos

2019 “Alternativas kaiowa e guarani para um impasse na reflexão de Egon Schaden”. *Revista de Antropologia*, 62(2), 298 - 322. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161986>